

6. Conclusão

As imagens de videovigilância e amadoras na construção de narrativas do telejornalismo não poderiam passar despercebidas ao campo do Jornalismo, até mesmo pela sua própria materialidade estética. No entanto, de início, era impensável que esse tema pudesse render tantos desdobramentos, com questões relevantes sobre o fazer jornalístico contemporâneo. Essas imagens que vigoram em demasia no cotidiano trazem uma sensação mais do que incômoda, desconfortável, de tal maneira que avistá-las como parte constituinte do discurso, direciona os olhares para a necessidade de uma interrogação sobre os atuais modos de produção do telejornalismo.

Buscar a contribuição que os estudos sobre as imagens amadoras e de circuitos fechados de televisão trazem para o telejornalismo é uma experiência desafiante e que parece estar apenas começando, sendo a academia o lugar mais que apropriado para se pensar essa tendência.

Assim nasceu o conceito de telejornalismo apócrifo. A cooperação no jornalismo tem sido um assunto relevante nos Fóruns de Pesquisas de todo o Brasil, tanto que muitas questões serviram de inspiração para o alcance do recorte dessa pesquisa, apesar de que sempre houve a compreensão de que o objeto em foco não era exatamente um jornalismo colaborativo, ainda que seja possível identificar características comuns. Foi a partir da certeza das diferenças que surgiu a necessidade da criação de um conceito que abarcasse toda a complexidade da inquietação em relação ao devir jornalístico do qual trata essa dissertação. Teve-se em vista a necessidade da intervenção de novos olhares sobre o uso das imagens apócrifas na construção de produtos noticiosos, caracterizando-as, portanto, como um novo objeto.

Dessa forma, o telejornalismo apócrifo tem o objetivo de contribuir criticamente com as pesquisas na área do telejornalismo, ao trazer essa visão dos *modus operandi* do jornalismo televisivo à tona, para que esse espaço midiático, com a presença recorrente de circulação e publicização de imagens apócrifas, possa ser questionado e, mais ainda, que os profissionais da área encontrem nesse

conceito uma inspiração para como reagir diante dessa lógica que está influenciando as rotinas de produção.

O resultado do estudo comparativo das análises de conteúdo entre o “Jornal Nacional”, “Jornal da Record” e “SBT Brasil” mostrou que as emissoras chegam a preencher até quarenta por cento do tempo de produção do telejornal com imagens de videovigilância e amadoras; e que no universo das imagens postuladas como apócrifas, os jornais equilibram o uso entre imagens amadoras e de sistemas de segurança. Essas imagens são comumente negociadas, tanto do ponto de vista monetário como em relação à cessão, de tal modo que hoje já se considera o “amador-profissional”, aquele, portanto, que estaria no lugar certo, na hora certa, em busca de acontecimentos que possam ser legitimados como notícia televisiva, mesmo que esse fato não cumpra os critérios jornalísticos de noticiabilidade.

O trabalho etnográfico revelou questões urgentes dos informantes que fazem parte dessa tribo jornalística. A maioria reconheceu a necessidade de mais qualidade na veiculação dos produtos noticiosos, diante das ofertas demasiadas de cessão e/ou venda de produtos audiovisuais que contenham acontecimentos possíveis de veiculação, pois as emissoras estão experimentando um *frenesi* midiático, na medida em que preenchem (ou poluem) os telejornais com essas imagens, a um custo muito menor. Diante da pesquisa, ainda, ficou evidente a importância do estudo na investigação entre os veículos de comunicação que substancialmente são orquestrados por interesses econômicos e políticos, no qual se enxerga um conjunto de enunciados e regras que formam as relações de poder-saber que vão por sua vez determinar os valores-notícia.

Dessa forma, as imagens apócrifas fazem o agendamento e determinam a pauta jornalística. Antes constituída apenas por eventos públicos, hoje a agenda ganha status de “intermídia”, não só porque as imagens apócrifas vêm muitas vezes da internet; mas porque esses elementos vigoram entre essas duas mídias, a partir do momento em que os produtores são orientados a garimpar esse tipo de material em redes sócias, blogs etc. As mídias estão em busca constante de renovação, disputando e capturando características umas das outras. Essa lógica está cada vez mais intensa nas instituições, em função não só do furo jornalístico, mas da busca pelo Ibope. Essa ambiência gera um grau de instabilidade que está

afetando diretamente os jornalistas – os construtores dos discursos jornalísticos –, de modo que é possível afirmar que a contemporaneidade trouxe novos desafios tanto quanto incertezas para o trabalho dos jornalistas.

Sobre possíveis constrangimentos organizacionais, alguns informantes se mostraram insatisfeitos ao revelarem que precisam produzir uma notícia a qualquer custo, sendo intérpretes de um acontecimento qualquer, tendo como único critério a visualidade sensacional, calcada nas imagens de videovigilância e amadoras, descumprindo com os critérios de noticiabilidade, o que, em tese, seria efetivamente a função do jornalismo informativo. Nesse sentido, produzir um texto televisivo com qualidade está cada vez mais difícil.

Ao avaliar o modo como o telejornalismo apócrifo está afetando as rotinas de produção telejornalística, foi possível verificar, através dos relatos, que a perspectiva é a de redução das equipes telejornalísticas, indicando uma revisão urgente nas formas de se fazer o telejornalismo, já que o uso desmedido de imagens apócrifas coloca em risco a própria profissão. Mais do que cooperar com a estruturação desse trabalho, os informantes anunciaram a urgência da investigação dos produtos telejornalísticos e admitiram a necessidade de reformulações dos critérios nas construções discursivas contemporânea. A tendência que se aponta é a de que cada vez mais os profissionais estejam trabalhando fora do ambiente das redações, impactando em uma redução do quadro de funcionários das emissoras. Na contramão dessa postura, torna-se improrrogável a dedicação do jornalista de formação, atuando com o uso cada vez maior do seu intelecto, porque essa é a principal ferramenta do jornalista na era digital.

O uso indiscriminado de imagens apócrifas traz para a comunidade jornalística uma sensação de fragilidade diante da imperativa imposição tecnológica, de modo que os próprios jornalistas reconhecem que o principal artifício no combate à falta de qualidade do telejornalismo informativo é a exigência de novos moldes intelectuais, mais potentes, para lidar não apenas com o aparato tecnológico, mas para ser capaz de reconfigurar a construção das notícias diante da falácia produzida por tantos meios na era digital. A questão é

justamente usar o conhecimento para elevar o nível dos produtos exibidos nos telejornalismos.

Assim, não se trata, portanto, e enfim, de encerrar essa pesquisa rotulando o telejornalismo apócrifo como bom ou ruim. Percebe-se que é uma tendência – e que a pesquisa em questão, longe de findar a discussão sobre o tema, compreende que o seu objeto ainda se encontra em processo de acomodação.